

Trump 2.0 testa limites da vontade popular

Trump 2.0 pode ser mais bem definido como sendo o governo mais “popular” da história moderna dos EUA

Por [Christopher Garman](#) e Clifford Young

Valor, 28/01/2025

O segundo governo de Donald Trump pode representar uma mudança profunda na governança dos Estados Unidos. Trump, sem dúvida, assume o cargo com menos restrições que em seu primeiro mandato, tendo ao seu lado um grupo de conselheiros mais leais, maior controle sobre o Partido Republicano, maioria no Congresso e uma Suprema Corte mais favorável.

Mas Trump 2.0 pode ser mais bem definido como sendo o governo mais “popular” da história moderna dos EUA. Não por seus elevados índices de aprovação nem pelo mandato eleitoral arrebatador - mas porque suas propostas se alinham com a opinião pública não filtrada. Essa conexão imediata com o eleitorado, em grande parte sem mediação de especialistas, instituições ou normas de longa data, pode se tornar tanto sua maior força quanto sua maior fraqueza.

Em 1832, Andrew Jackson, o sétimo presidente dos EUA, desafiadoramente declarou: “O povo é o governo”. Quase dois séculos mais tarde, Trump pode finalmente colocar essa ideia à prova na era digital.

Os norte-americanos estão cada vez mais frustrados com a governança tradicional. De acordo com uma pesquisa Ipsos feita em 2024, uma maioria relevante acredita que o sistema está quebrado e que as elites não se importam com o cidadão comum - refletindo uma insatisfação que transcende linhas partidárias. Esse descontentamento disseminado, consistente ao longo do tempo, alimenta uma demanda crescente por líderes que prometem contornar sistemas arraigados e entregar mudanças diretamente ao povo.

Nunca a tecnologia permitiu uma conexão tão direta entre governantes e governados. A democratização da mídia, por meio de plataformas sociais, podcasts, transmissões ao vivo e veículos independentes, erodiu o papel tradicional das grandes instituições como intermediadores. A ascensão de "bro-casters" como Joe Rogan e de plataformas descentralizadas como o X remodelaram fundamentalmente o discurso público.

Trump é um mestre nesse estilo de comunicação não mediada. Ao longo de sua carreira política, ele usou as mídias sociais para burlar os filtros da mídia tradicional e falar diretamente com sua base. Relatórios sugerem que Trump monitora o feedback em tempo real por meio de plataformas como X e Truth Social, usando o sentimento público para orientar a tomada de decisões. Com o presidente voltando ao cargo sentindo que seu estilo foi avalizado e com uma visão mais dura sobre a necessidade de lutar contra o establishment progressista, seu segundo mandato se torna um modelo potencial de governança intimamente alinhado às preocupações imediatas do eleitorado.

Prova disso é a ampla gama de medidas já anunciadas - de ações duras contra imigração ao fim de programas de inclusão de diversidade, passando por medidas regulatórias para incentivar investimentos em energia, pelo corte de subsídios para energia renovável e pelo perdão presidencial aos condenados pela invasão ao Capitólio.

A história dá avisos claros sobre os perigos de ser guiado muito de perto pela opinião pública. Governos populistas, que prosperam ao responder diretamente à vontade do povo, frequentemente são bem-sucedidos no curto prazo, mas fracassam quando suas políticas não conseguem lidar com realidades complexas.

Embora poderosa, a opinião pública nem sempre é sábia. Pense na opinião pública como um paciente, não um médico. Ela pode dizer o que dói - uma economia estagnada, custos crescentes ou imigração desenfreada -, mas nem sempre sabe por que isso acontece ou o que deve ser feito. Governar com base diretamente na opinião pública pode muitas vezes tratar os sintomas em vez de abordar as raízes do problema.

A presidência de Herbert Hoover durante a Grande Depressão é uma advertência. Sua Tarifa Smoot-Hawley, inicialmente popular por proteger empregos norte-americanos, acabou estrangulando o comércio internacional e agravando a recessão econômica. E pesquisas da Ipsos encontraram condicionalidades semelhantes em relação às políticas de Trump. Um levantamento feito recentemente mostra que 87% dos americanos são a favor da deportação de criminosos ilegais; mas tal o apoio cai para 38% se as deportações afetarem crianças e a economia.

É importante perceber que algumas das políticas de Trump podem não ter a finalidade a que parecem se destinar, mas sim servir como ferramentas de negociação. Tarifas, por exemplo, podem servir para pressionar governos estrangeiros a fazer concessões comerciais. Ainda é cedo para fazer conclusões, mas a moderação de Trump em relação às tarifas sobre a China deu ânimo aos mercados financeiros e ajudou a valorizar o dólar aqui. Da mesma forma, a ameaça de deportações em massa pode visar desencorajar a migração - e não ser um compromisso de retirar milhões de pessoas do país.

Mas ainda que ele cumpra apenas parte de suas promessas, o resultado deve ser mais inflação - precisamente o motivo de sua eleição em 2024. Se as deportações (ou mesmo o fim da imigração) aumentarem o custo de vida, Trump perderá apoio público. Ao mesmo tempo, ele está encaminhando várias políticas com potencial para melhorar a economia, como menos regulação e apoio massivo ao desenvolvimento de inteligência artificial.

O desafio mais importante será indiscutivelmente cumprir as promessas de campanha sem semear descontentamento econômico.

O padrão de governança populista é claro: políticas populistas funcionam até que não funcionem mais. Esses governos muitas vezes oferecem resultados rápidos e recebem elogios por isso. Mas fracassam quando as consequências de suas políticas se tornam inevitáveis.

Trump 2.0 é um experimento audacioso em alinhar a governança com o sentimento público não filtrado. O resultado, seja ele um renascimento da democracia participativa ou o caos do populismo de curto prazo, não definirá apenas o legado de Trump. Pode determinar os contornos da governança futura, à medida em que governantes atuais e futuros estarão de olho nesse experimento.

**Christopher Garman é diretor-executivo para as Américas da Eurasia Group.
Clifford Young é presidente de Pesquisa e Tendências Sociais da Ipsos.**